

Solanas e a paixão pelos grandes planos

O cineasta argentino foi a grande estrela dos primeiros dias do tumultuado festival

Jorge Cardoso

Maria do Rosário Caetano

Fernando Solanas foi a estrela absoluta da área de cinema, nos primeiros dias dessa aventureira e tumultuada edição flaquiana. Ele chegou a Brasília, na tarde de sábado, acompanhado de Enwar El Kadri, seu produtor, e do ator Tito Aimeijeiras. Incomodado por insístente dor de garganta, não pôde dar a primeira aula de sua oficina — sobre “O Processo de Criação de ‘Sur’” — na Cultura Hispânica.

A noite, foi ao Cine Brasília, acompanhar a exibição de seu sexto longa-metragem (“Sur”, Palma de Ouro de melhor direção em Cannes/88). Ao final, subiu ao palco e agradeceu aplausos calorosos dos 400 brasilienses (resultado da convergência de público da primeira e segunda sessões) que deixaram de ir ao Garrinchão, onde sua conterrânea Mercedes Sosa reinava e cantava tango de Piazzola, da trilha sonora de “Sur”. Numa noite de Festa Cearense sob o Luar de Brasília, Balé de Barcelona e Semana do Cinema Espanhol, a performance de “Sur” foi das mais significativas.

No domingo, ele compareceu à Cultura Hispânica e falou, por três horas seguidas, de seu processo criativo. Quarenta “oficineiros”, dos mais interessados, ouviram com devoção o desfiar de seu ideário estético. E esgotaram o estoque do livro “La Mirada” (Una Biografía de “Sur”, Editorial Puntosur) guardado com zelo pelo produtor libanês-argentino, Enwar El Kadri. No início da noite, Solanas gravou depoimento para vídeo de Geraldo Sarno, autor de “Coronel Delmíro Gouveia”, responsável pela documentação do II Flaac.

Mais tarde, no mesmo local, conversou com o **Jornal de Brasília** e discorreu sobre seu processo de criação, o lançamento comercial de “Sur” no Brasil, o Fórum de Caracas, o projeto cinematográfico do governo Carlos Menem e seu próximo filme.

Processo de Criação — “Meu projeto de cinema é resgatar a imagem poética, é trabalhar com histórias abertas, é reagir contra o cinema industrial norte-americano, que é pragmático, hiper-naturalista, mastigado. Quero que o espectador, depois de ver meu filme, sinta prazer e inquietação. E queira vê-lo muitas vezes, para analisá-lo, entendê-lo melhor. Se aproximar mais. Não tenho compromissos naturalistas. Em “Sur”, quando Floreal (o protagonista) reencontra seu bairro, ele vê a mesa da cafeteria no meio da rua; vê a cama dos pais também na rua. E tudo cercado de “humo” (aquele névoa densa que



Solanas: “Meu projeto é resgatar a imagem poética, trabalhar com histórias abertas”

banha o filme), pois é assim que vejo as “calles” de Buenos Aires. Sou apaixonado pelos grandes planos, que dão enorme profundidade de campo. E sou apaixonado por ruas cheias de papel. Na Argentina, me criticam por dar, em meus filmes, a idéia de que as ruas de Buenos Aires são sujas. Mas não é isso. Tanto em “Tangos, Exílio de Gardel” quanto em “Sur”, enchi as ruas de papel porque eles me evocam intimidade. Foram elementos proibidos em nossos países, onde as ditaduras mataram pessoas por escreverem cartas e livros, e picarem as paredes. E desconfio de cidades do Terceiro Mundo muito limpas, asépticas. Tal condição indica que são cidades “desfumigadas”.

Lançamento Comercial — El Kadri, meu produtor, está negocian-

do a venda de “Sur” ao mercado brasileiro, desde o último Festival de Havana (dezembro de 88). Alguns contratempos surgiram, mas agora, finalmente, está decidido. O filme será lançado no próximo mês, no Rio e São Paulo. O sucesso de “Tangos” motivou os exibidores.

Fórum de Caracas — Estou saindo dos entendimentos mantidos pelos governos da Venezuela, Brasil e outros países latino-americanos em torno de nossas cinematografias. O encontro em Caracas, no próximo mês, será da maior importância. A idéia de se estabelecer normas para que o filme hispano-americano participe da reserva de mercado do filme brasileiro e vice-versa é da maior importância. Nós, cineastas latino-americanos temos que nos unir. Se

não criarmos um mercado comum nossas cinematografias mergulhão, cada vez mais, nas crises que tanto nos atormentam.

Menem e o Cinema — “É verdade que o presidente Carlos Menem me convidou para dirigir o Instituto Argentino de Cinema. Declinei, porém, do convite e indiquei dois nomes da maior importância e competência na história do audiovisual argentino: Octávio Getino e René Mojica. Os dois são mais preparados que eu para as ações administrativas. Há um mês, foram nomeados e já estão trabalhando com empenho.

Novo Projeto — “Estou trabalhando um novo filme “El Viaje” e, se tivesse aceito a função de diretor do Instituto Argentino de Cinema, não teria o tempo que julgo neces-

sário para amadurecer um projeto. Neste filme, que se passa em vários países da América Latina, inclusive no Brasil, um garoto de 17 anos busca a si mesmo. E nesta busca, vai da Terra do Fogo ao Caribe.

Peronismo — (Ao saber que o cineasta Eduardo Coutinho, autor de “Cabra Marcado para Morrer”, define “La Hora de los Hornos” como o mais peronista dos filmes já feitos na Argentina, Solanas reage): “La Hora de los Hornos” é um filme de denúncia. Eu quis fazer uma crônica histórica da Argentina, recuperando o que de melhor aconteceu no país, inclusive no ciclo peronista. Depois do Peronismo, o que veio foram governos ditatoriais e/ou entreguistas. Para os monopolizadores da informação. Peronismo é sinônimo de ditadura, de não-progresso. Perguntem ao povo argentino em que período de sua história ele alcançou maiores conquistas? Ele responderá que foi no ciclo peronista. Perguntem às mulheres quando elas conquistaram o direito de voto? Quando houve a Reforma Constitucional? Quando se deu a legalização dos Sindicatos, o direito de greve, o direito dos anciões e crianças no texto constitucional? Quem defendeu a terceira posição internacional (Peron foi o precursor no mundo da Terceira Posição) e concretizou a nacionalização dos recursos energéticos?

Pequena Produção — (Cinco longas em 30 anos de carreira: “La Hora de los Hornos”, 68; “Los Hijos de Fierro”, 75; “La Mirada de los Otros”, 80; “Tangos, Exílio de Gardel”, 85; e “Sur”, 87) — “Fiz poucos filmes porque passei longos períodos de minha vida na oposição, no exílio. Além do mais enfrentei enormes dificuldades financeiras. Muitos dos meus projetos não se concretizaram. Tenho 53 anos, quase trinta de carreira e só encontrei condições para concretizar cinco longas. Qual é a média de um diretor brasileiro? De Nélson Pereira dos Santos? Glauber? Joaquim Pedro? (informamos que fizeram de oito a quinze longas). É, minha média é mais baixa.

Piazzolla — (Parceiro de Solanas nas “tanguédias”: “Exílio de Gardel” e “Sur”) — Sou grande admirador de Astor Piazzolla. Trabalhamos juntos nos meus dois últimos filmes porque ele expressa, como ninguém, a minha cidade. Não sei se ele fará a trilha sonora de “El Viaje”.

Rock — Não sei se vou embalar “El Viaje” ao som de rock. Você quer saber se rejeito esta linguagem? Não, em “Sur”, Fito Paez e sua banda têm presença significativa. O rock é uma música importante para um setor da juventude, mas não de todos. Há jovens que apreciam outros estilos musicais. Quando o processo de “El Viaje” estiver melhor definido, decidirei que trilha (sonora) tomar.